

DIMENSÕES PSICOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA OBRA DE FREIRE

Balduino Antonio Andreola¹

Ronaldo Silva Lopes²

Artigo recebido em: 01/04/2013 | Aceito em: 14/04/2013

Resumo

Antes de falar da obra de Freire, cabe lembrar que tanto a pedagogia, quanto a filosofia e a teologia da libertação, nascem no bojo de um processo histórico de libertação dos povos latino-americanos, cruelmente reprimido pelas ditaduras. A opressão se apresenta, em Freire, sob dimensões psicológicas, antropológicas, ontológicas, econômico-políticas e pedagógicas. No artigo analisam-se as psicológicas, que apresentam estas manifestações: introjeção da figura do opressor, dualidade existencial contraditória (rejeição/identificação), auto-depreciação, inferioridade, submissão, medo da liberdade. Além destes aspectos psicológicos, Freire oferece, para uma psicologia político-social, fundamentos epistemológicos, ao propor uma teoria do conhecimento baseada no diálogo com populações subalternas.

Palavras-chave: psicologia, opressão, libertação, epistemologia, Freire

PSYCHOLOGICAL AND EPISTEMOLOGICAL DIMENSIONS OF FREIRE'S WORK

Abstract

Before talking about Freire's work, it should be remembered that pedagogy, as well as philosophy and the theology of liberation are born in the midst of a historical process of liberation of the Latin-American people, cruelly repressed by dictatorships. The oppression is presented in Freire under psychological, anthropological, ontological, economic-political and pedagogical dimensions. In the article the psychological ones are analyzed which present these manifestations: introjections of the figure of the oppressor, contradictory existential duality (rejection/identification), auto-depreciation, inferiority, submission, fear of freedom. In addition to these psychological aspects, Freire offers, for a political-social psychology, epistemological fundamentals, by proposing a theory of knowledge based on the dialogue with subaltern populations.

Keywords: psychology, oppression, liberation, epistemology, Freire.

¹ Filósofo, Teólogo, Mestre em Educação e Psicopedagogia, Doutor em Ciências da Educação. Professor do Programa de Pós Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle, Canoas. E-mail:<balduinoandreola@yahoo.com.br>

² Estudante de Psicologia e Bolsista de Iniciação Científica do Centro Universitário La Salle. E-mail:<ronaldo.silvalopes@gmail.com>

EPIGRAFE

[...] o muito que me falta
 para saber ajudar na construção
 do edifício humano da alegria
 - não aprenderei, estou seguro,
 indo às fontes dos clássicos.
 (que aliás acabo de reler);
 nem na compreensão científica perfeita
 de tua formação social, minha pátria amada;
 muito menos nessas discussões teórica,
 que ainda me fascinam tanto, mas já não tanto,
 em que os elegantes cientistas sociais
 se comprazem transformar
 crianças que morrem de fome
 - são trezentas por minuto
 Só na América Latina –
 Em precioso e químico elemento
 Para uma argumentação brilhante;
 (Thiago de Mello, 1978, p.9)

1. Contextualização telúrico-histórica da libertação

As inspirações para este artigo as devo ao convite que me foi feito como palestrante da mesa redonda de abertura do IV Seminário Nacional de Psicologia Política, realizado em São Francisco de Paula. Ao iniciar a minha fala eu disse que o chegar a São Francisco aos meus oitenta anos era como uma volta. E justifiquei. Se eu nasci em Fazenda Sousa, hoje sétimo distrito de Caxias do Sul, por ocasião de meu nascimento, em 1932, pertencia então a São Francisco, como leio aqui, na minha certidão: “Sétimo distrito de São Francisco de Paula de Cima da Serra.” Na emoção daquele momento cantei uma estrofe do poema guasca intitulado: “São Francisco Terra Boa”, dos cancioneros da serra os Irmãos Bertussi:

São Francisco é um município
 Entre os maiores do Estado,
 E, a sua maior riqueza
 É a criação do gado.
 Fazendas de campo aberto,
 Coxilhas campo a fora,
 Onde canta o quero-quero
 E onde o minuano chora.

Esta minha introdução telúrica não teve apenas sabor de folclore, ou melhor, teve sim, sabor e sentido de folclore, mas no significado originário da etimologia germânica: cultura do povo, nascida do chão da terra, das raízes antropológicas, éticas, culturais e políticas de um povo.

Ao falarmos, pois, em libertação, cabe-nos lembrar que aconteceu no século XX, um extraordinário processo histórico de libertação dos povos latino-americanos, violentamente reprimido em vários países, com o apoio total do imperialismo americano. Tal processo histórico teve e continua tendo suas vigorosas expressões teóricas e práticas na Pedagogia da Libertação, na Teologia da Libertação, na Filosofia da Libertação, na Psicoterapia do Oprimido, no Teatro do Oprimido, numa gama imensa de experiências e de produção intelectual compreendida sob o título de Educação Popular. E mais recentemente, numa Psicologia Política de Libertação, que também nasce deste chão e destas águas fecundas de um processo histórico. Sem desprezar as contribuições valiosas das melhores correntes psicológicas, muitos grandes estudiosos superaram assim o colonialismo da mera importação de modelos, para construir uma Psicologia comprometida com um processo histórico de libertação e emancipação das populações oprimidas e excluídas do Brasil e da América Latina. Sem esse compromisso ético e político teríamos produção científica nos vários campos do conhecimento com a marca de um cientificismo descomprometido e perverso, como denunciado por Thiago de Mello, no fragmento de um poema seu, trazido como epígrafe deste artigo. Nesta dimensão da historicidade e de compromisso ético-político parece-me que a Psicologia Política de Libertação pode trazer uma contribuição valiosíssima para a superação de teorias psicológicas e de métodos psicoterapêuticos focados exclusivamente no indivíduo, que segundo Mounier (2004, p.44-45) significa o ser humano fechado sobre si mesmo, caracterizado por:

[...] atitudes de isolamento e de defesas. [...] Homem abstrato, sem vínculos nem comunidades naturais, deus supremo no centro de uma liberdade sem direção nem medida, sempre pronto a olhar os outros com desconfiança, cálculo ou reivindicações.

Com relação a estas concepções e a estas modalidades terapêuticas, cabe lembrarmos a advertência de Paulo Freire: “Ninguém liberta ninguém; ninguém se liberta sozinho. Nós nos libertamos em comunhão”. Nesta ótica, estaremos superando a absolutização deletérea do indivíduo, abrindo o olhar para os horizontes da pessoa, de acordo com Mounier, que escreveu:

A pessoa só cresce na medida em que sem cessar se purifica do indivíduo que nela está. Não o conseguirá virando toda a atenção sobre si própria, mas, pelo contrário, tornando-se *disponível* (G. Marcel), e por isso mesmo mais transparente a si própria e aos outros (MOUNIER, Ibidem: p.45).

Sendo que a Psicologia Política da Libertação busca suas referências mais importantes na obra de Paulo Freire, procurei trazer, de minhas leituras do livro “Pedagogia do Oprimido” elementos psicológicos que me parecem interessantes para o campo específico da Psicologia. Antes de explanar este meu estudo, como o farei no item dois deste artigo, pareceu-me oportuno contextualizá-lo numa pesquisa mais ampla, realizada em meu doutorado. Em minha tese (ANDREOLA, 1985), escolhi, como objeto de estudo, uma aproximação crítica entre “O Personalismo” de Emmanuel Mounier e a “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire. Esclareço que não entendi: “O Personalismo” de Mounier e “Pedagogia do Oprimido”, como os dois livros mais importantes de cada autor, nem como conjunto da obra dos mesmos, mas sim como projeto histórico de uma nova sociedade, ou de uma nova civilização, mais humana e solidária, contra todas as formas de opressão e desumanização.

A origem obra e do projeto histórico de libertação dos dois pensadores deve ser buscada não apenas em pesquisas ou reflexões puramente teóricas, mas sim na experiência concreta, pessoal e histórica, que os dois fizeram da opressão, nas expressões mundiais ou cósmicas até, as mais desumanas e cruéis da

mesma. Mounier a experimentou e viu muito existencialmente, como os jovens de sua geração, a geração “órfã”, que viveu sua juventude entre as duas guerras mundiais. Ele a viu e sentiu no rosto da miséria, como escreveu em 1932:

[...] Uma nova juventude nasceu, [...] ela viu a miséria, e sua vida foi por ele transformada. [...] A experiência ou a proximidade da miséria, foi este o nosso batismo de fogo. [...] A miséria passou, com seu cortejo de grandezas. Esta é a chave. Quem não sentir primeiramente a miséria como uma presença e uma queimadura em sua própria carne, só nos levantará objeções vãs ou polêmicas inúteis. (MOUNIER, 1961: p. 132-133).

Freire, por sua vez, fez muito cedo a experiência da opressão. Ele mesmo escreveu:

A crise econômica de 1929 obrigou minha família a mudar-se para Jaboaão onde parecia menos difícil sobreviver. Uma manhã de abril de 1931 chegávamos à casa onde viveria experiências que me marcariam profundamente. Em Jaboaão perdi meu pai. Em Jaboaão experimentei o que é a fome e compreendi a fome dos demais. Em Jaboaão, criança ainda, converti-me em homem graças à dor e ao sofrimento que não me submergiam nas sombras da desesperação. [...] Em Jaboaão quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens. (FREIRE, 1979: p.14)

Nestas experiências dolorosas de Freire, em sua infância, e sobretudo nessa pergunta do tamanho do mundo, que ele criança se fez, parece-me que podemos ver a origem remota ou, então, a arqueologia da “Pedagogia do Oprimido”, que ele construiu, como teoria e como práxis histórica, ao longo de toda a sua vida.

Quanto ao tema da opressão na obra de Mounier, eu desenvolvi em minha tese de doutorado o que denomino “uma fenomenologia da opressão” (ANDREOLA, 1985: p. 152-157). Com este intuito fiz um “estudo do vocabulário que ele utiliza, nas referências às situações concretas, históricas, políticas, sociológicas, econômicas, psicológicas, pedagógicas e culturais da opressão”. Após a defesa de minha tese, retomei a pesquisa nos quatro volumes de suas obras (não completas), e encontrei 378 passagens relativas à opressão, e, evidentemente, ao tema dialeticamente contrário, da libertação, sentido único de sua luta histórica.

Na obra de Freire realizei uma hermenêutica semelhante à que fiz na de Mounier, que intitulei “A Consciência oprimida: as diferentes dimensões da opressão”. Esta leitura multifacetada pude desenvolvê-la muito mais amplamente do que em Mounier (ANDREOLA, 1985: p. 164-188; 230-238). A pesquisa dos 378 textos relativos ao binômio opressão/libertação em Mounier, poderia resultar, porém, em outro livro até sobre a importância do mesmo em sua obra.

Na obra de Freire, eu orientei minha leitura para as seguintes dimensões da opressão: psicológicas, antropológicas, ontológicas, econômico-políticas e, principalmente, as pedagógicas, tratando-se de uma tese no campo da filosofia da educação. Neste artigo, retomando e atualizando o estudo feito em minha tese, concentrarei minha reflexão sobre as dimensões psicológicas.

2. Dimensões Psicológicas da Opressão

A compreensão da realidade interior mais profunda da opressão é condição primordial para a construção de uma pedagogia libertadora. A libertação não é doação, mas conquista. Ninguém pode libertar de fora. Pensar o contrário e agir diferentemente, substituindo o oprimido, indivíduo ou o povo, em sua iniciativa e luta, equivale a reforçar as estruturas de dominação e de opressão. Não importa saber se isso se faz com a melhor das boas intenções. A opressão pode apresentar-se com o rosto do autoritarismo violento e repressivo, que esmaga e destrói. Mas pode também disfarçar-se sob as aparências da super-proteção, do “amor” possessivo, da falsa generosidade, do paternalismo, do maternalismo, ou do populismo, na sua versão política. A libertação não pode vir de fora, como um presente. “A opressão está no âmago de nossos corações”, escreveu Mounier. Freire fala de “consciência oprimida”, e de uma presença do opressor no oprimido. Portanto, para uma libertação autêntica, é mister que haja um movimento que proceda de dentro. Por outro lado, o oprimido não pode se libertar sozinho, sem uma mediação. “Ninguém liberta a outrem, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”, afirma Freire, e explica o porquê:

Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de coisas. Por isto, se não é auto-libertação - ninguém se liberta sozinho - , também não é libertação de uns feita por outros” (FREIRE, 2007: p. 60).

A verdadeira libertação é uma ação solidária, uma experiência de comunhão, um ato de amor, como a define seguidamente Freire. Segundo ele, a ação libertadora não pode se realizar sobre os oprimidos, para eles, mas *com* eles, ou seja, “(...) a solidariedade verdadeira com eles está em *com* eles lutar para a transformação da realidade objetiva que os faz ser este “ser para o outro” (Ibidem: p.40).

Durante os dez anos de sua atuação no Conselho Mundial de Igrejas, Freire entrou em contato com uma experiência de libertação cujo principal líder, Amílcar Cabral estabelecia o princípio do “suicídio de classe” para o compromisso de luta (CABRAL, 1980). Dentro desta mesma perspectiva, Gandhi, o maior revolucionário de nossos tempos, decidiu tornar-se livremente pária, para engajar-se na libertação dos intocáveis da Índia. Minha intenção não é, aqui, apenas lembrar os gestos de heroísmo presentes nestas tomadas de posição, mas sim a de salientar a exigência de ver a realidade sob o prisma do oprimido; a de compreender a opressão de dentro, na sua realidade mais profunda. Trata-se da condição primordial, como já foi dito, para um processo pedagógico-político de libertação.

Em que consiste, pois esta realidade? Sob o ponto de vista psicológico, o elemento básico de todos os problemas do oprimido parece residir no fenômeno que Freire denomina “dualidade existencial” dos oprimidos, que os torna seres duplos e contraditórios. Eles “hospedam” em si o opressor, num processo de introjeção da imagem do mesmo (FREIRE, 2007: p.34, 46, 54-55; 1977; p.53). Esta presença do opressor no oprimido faz nascer uma contradição interior que se exprime através de sentimentos opostos: de rejeição, de ódio, de aversão, mas, ao mesmo tempo, de admiração, de adesão, de identificação. Freire lembra:

[...] como Memmi em uma excepcional análise da “consciência colonizada”, se refere à sua repulsa de colonizado para com o colonizador, mesclada, contudo de “apaixonada” atração por ele” (Ibidem: p. 55-56). Para eles, o opressor é o tipo de homem ideal a ser imitado. Reconhecer-se oprimido não significa, pois, automaticamente, a decisão de combater para a superação da contradição, mas antes para tornar-se como o opressor. “Para

eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores de outros (FREIRE, 2007: p.35,55; 1997: p.57-58).

Os fatos confirmam muito bem tudo isto. Freire evoca o exemplo frequente de camponeses, que “promovidos” a chefes de equipes agrárias, “se tornam mais duros opressores de seus companheiros do que o patrão mesmo” (FREIRE, 2007: p.36).

No seu livro intitulado “L’Éveil de l’Afrique noire”, Mounier, ao falar da Libéria, país construído pelos negros libertos dos Estados Unidos, ele a define como “o país feudal e mais oprimido da África negra” (MOUNIER, 1962: p. 247-338). Não são poucos os revolucionários que confirmam esta tendência. Infelizmente, a verdadeira revolução, transformadora da consciência das pessoas, tanto quanto das estruturas políticas e sociais, raramente acontece nos movimentos chamados revolucionários. O que acontece concretamente é a mudança de opressores. Precisamente o que Amílcar Cabral queria evitar, quando dizia “que não se tratava de substituir os brancos pelos negros, os colonialistas pelos neo-colonialistas, os exploradores por outros “exploradores” (ANDREINI, J.-Cl. & LAMBERT, M-L., 1978: p. 15).

Esta repetição da opressão apresenta seguidamente, junto a populações oprimidas, um caráter compensatório. Freire cita o exemplo do camponês que, não podendo exprimir seu querer diante do patrão, porque o considera um ser superior, “desabafa sua pena” em casa, onde grita com os filhos, bate, desespera-se. Reclama da mulher. Acha tudo mal. [...] Em muitos casos, o camponês desabafa sua “pena” bebendo (FREIRE, 2007: p.58). A psicologia da adesão à imagem do opressor revela-se muitas vezes, após a emancipação, sob uma outra forma, que Freire denomina “nostalgia do antigo patrão” (FREIRE, 1977: p. 23). É a sombra do antigo patrão que paira ainda sobre eles, pois “o que caracteriza os oprimidos é a sua subordinação à consciência do amo”, como afirma Hegel” (FREIRE, 1979: p.58; 2007: p.40).

A imagem tão sugestiva da sombra aparece num sentido inverso ao de cima, na frase de um alfabetizando do Recife: “Quero aprender a ler e a escrever para deixar de ser a sombra dos outros” (FREIRE, 1990: p. 121; 1979: p.42). Esta consciência subordinada é definida por Freire como “consciência hospedeira da opressão”. O opressor que explora fisicamente o oprimido está parasitando também sua alma.

A subordinação à consciência do opressor vem acompanhada de um profundo complexo de inferioridade e de auto-depreciação que “resulta da introjeção que fazem da visão que deles têm os opressores”. Para compreender esta psicologia, é interessante analisar a linguagem do opressor e do oprimido. Freire nos dá uma lista de expressões muito comuns nos opressores que tratam os oprimidos de: “essa gente”, “massa ignorante e invejosa”, “selvagens”, “primitivos”, “subversivos”. Recebem sempre as designações de “violentos”, “bárbaros”, “malvados”, “ferozes”, quando reagem à violência dos opressores (FREIRE, 2007: p.48,56). É surpreendente o paralelo com a linguagem classista registrada por Mounier, ao descrever, com revolta, uma conversa à qual assiste, a bordo de um avião que o conduz à Tunísia, em 1937, “[...] o moço, filho de um patrão racista, fino inteligente, trai logo sua brutalidade e vulgaridade, referindo-se a “essa gente” (...) E valia a pena ouvir a mulher (que mora em Clichy) falar das mulheres que participavam da manifestação comunista : “Era preciso ver aquilo. Fitas vermelhas nos cabelos. E é isso aí que nos governa.” (...) Uma voz gritava dentro de mim: Canalhas, canalhas, canalhas” (MOUNIER, 1963: p. 603)

A linguagem dos oprimidos é a resposta fiel a essa visão de desprezo e da falta de confiança. É a linguagem que significa auto-desprezo, inferioridade, submissão, falta de confiança em si. “Que posso fazer se eu sou um simples camponês?” diz um agricultor chileno, numa entrevista com Freire. Os oprimidos

“falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e que devem escutar”. (...) “O animal é mais livre do que nós, dizem eles” (FREIRE, 2007: p.56-57).

Existe uma incrível correspondência entre as atitudes e a linguagem observadas por Freire entre as populações oprimidas da América Latina, e as observações anotadas por Mounier, entre as populações africanas. Ele fala de um “profundo complexo de inferioridade”, de “respeito pelo branco”. Segundo Mounier:

A maioria dos Negros tem vergonha de ser negro, uma vergonha secreta que não consideram própria, mas que os persegue obsessivamente até em sua altivez. Nós lhes incutimos esta vergonha, - diz Mounier.- Temos o dever de ajudá-los a livrar-se dela. (MOUNIER, 1962: p.268).

A mudança é muito difícil. Um dia, em setembro de 1983, falando com dois amigos africanos, em Louvain-la-Neuve; eu disse: “Vocês,”, africanos, têm uma vantagem muito importante sobre nós, os latino-americanos, quando chegam aqui”. Um deles me perguntou: “Qual?” Eu respondi: “É que vocês conhecem muito bem o francês”. E ele retrucou: “Mas vocês têm outra vantagem muito maior!...” Parou, como para dizer-me que eu já sabia de que se tratava. Eu havia entendido muito bem, mas provoquei a explicitação, perguntando: “Qual vantagem?” “A pele!” – disse ele. E acrescentou: “Vocês são considerados como se fossem europeus”. Para mim, isso significou uma surpresa amarga, porque imaginava, muito ingenuamente, que na condição de intelectuais que estudavam na Europa, a cor não seria mais problema para eles.

“Sim, senhor ! Sim, senhor ! Sim, senhor ! Por princípio: - escreve Mounier - é preciso responder sempre sim a um Branco, para agradá-lo, depois a gente vê”. Sempre inferioridade, respeito exagerado, submissão. Depois de uma conferência sua, lembra a intervenção de um dos ouvintes: “Eu me chamo Ma Koundé Théophile. (Uma pausa, um silêncio). Chamo-me também o zero e o nada”. Só depois ele fala. E Mounier observa: “Parece-nos ouvir o eco longínquo dos séculos de opressão de muitos povos (MOUNIER, 1962: p.294 e 284).

Que a mudança é muito difícil, como escrevi acima, todavia ela deve acontecer. Como exemplo desta auto-superação necessária, podemos citar o poema de um exímio intelectual africano, mundialmente reconhecido, Mia Couto. O poema intitula-se, muito significativamente, “*Identidade*”:

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo.

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta.

Sou pólen sem insecto
Sou areia sustentando
o sexo das árvores.

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro.

No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço.

(*Mia Couto, 1983 In "Raiz de Orvalho e outros Poemas"*)

Mas há outra característica da consciência oprimida, que não se pode esquecer, ao falar em pedagogia da libertação. Trata-se do “medo da liberdade”, isto é, medo de assumir a liberdade. A consciência oprimida é uma consciência alienada, pela presença interiorizada do opressor. A liberdade não vem do exterior, como um dom. É uma conquista, que exige a expulsão do opressor que está lá dentro. É um parto difícil, As condições externas não são suficientes para a libertação. O medo da liberdade resulta do dualismo que marca profundamente a consciência do oprimido. Se não nos dermos conta, todo o esforço pode servir para fortalecer a opressão.(FREIRE, 2007: p.36-38; 1997: p.57).

Deve-se notar ainda que a consciência oprimida não é somente um problema de psicologia individual. É mister entender que existe uma psicologia social do oprimido a ser estudada, para se compreender o problema da opressão. A consciência oprimida situa-se no contexto histórico e sociológico de um grupo social, de uma classe ou de um povo. Em seu livro. “Educação: prática da liberdade” Freire analisa as estruturas opressivas da sociedade brasileira através das diversas fases de sua evolução, que criaram estruturas psicológicas coletivas de consciência oprimida, na linha das características acima expostas. Ele amplia suas hipóteses em livros ulteriores, partindo de sua experiência em outros contextos latino-americanos e norte-americanos, antes, e mais tarde, já no Conselho Mundial de Igrejas, conhecendo situações semelhantes de outros continentes.

Não é meu intuito trazer aqui a síntese de suas idéias. Parece-me entretanto indispensável chamar a atenção para a dimensão coletiva da psicologia do oprimido, da qual a psicologia social deve se ocupar. Existe neste sentido uma contribuição interessante de um boliviano, Fernando Castro, que se preocupou de analisar em seu estudo (CASTRO, 1977), os mecanismos psicossociais da opressão. Partindo da análise dos comportamentos das classes dominadas da América Latina, ele constrói uma tipologia do caráter social das classes dominadas, que denomina “traços do caráter social”. Castro retoma muitos elementos da “Pedagogia do Oprimido” de Freire, mas não se detém nisto, evidentemente, porque Freire não se propôs uma sistematização completa da psicologia do oprimido. Baseando-se nesta análise, Castro mostra que é na história que se estruturam as condutas psicológicas da consciência oprimida. Esta dá origem a uma ideologia dominada, introjetada e assumida pelas classes dominadas, que se torna cúmplice da ideologia da dominação. O autor extrai de sua análise elementos teóricos e metodológicos para um projeto de intervenção social. O aceno, ainda que rápido, ao estudo de Castro, tem como objetivo assinalar a importância dos componentes psicossociais da consciência oprimida, envolvendo uma temática que imagino de grande interesse para as pesquisas e para práxis libertadora da Psicologia Política.

3 . Uma teoria do conhecimento na obra de Freire

Uma dimensão essencial da obra de Paulo Freire é a epistemológica. Freire considera a educação como um processo que repete, no nível do indivíduo, o que aconteceu com a humanidade como um todo, em sua evolução histórica: a passagem do momento em que a humanidade “sabia” àquele do “saber que

sabia”. É a emergência da consciência. “Toda educação é, pois, declara ele, uma certa teoria do conhecimento, posta em prática”.

Muitos leitores apressados reduzem a obra de Freire a um método pedagógico ou, pior ainda, a um método apenas de alfabetização de adultos. Ele denuncia este equívoco na interpretação do seu pensamento, e sublinha seguido, em seus escritos, a dimensão epistemológica da educação, isto é, a educação como ato de conhecimento. Numa longa entrevista publicada em número especial do Pasquim (1978: p. 7-11), a Claudius Ceccon, que se referia ao “pouco conhecimento do que significa exatamente o método Paulo Freire, falado no mundo inteiro”, ele responde:

Eu tenho até minhas dúvidas se pode falar de método. E há, um método. Aí é que está um dos equívocos dos que, por ideologia, analisam o que fiz procurando um método pedagógico, quando o que deveriam fazer é analisar procurando um método de conhecimento e, ao caracterizar o método de conhecimento, dizer “mas, esse método de conhecimento é a própria pedagogia.” Entendes? O caminho era o caminho epistemológico. Evidentemente, tem gente que descobriu isso. Por exemplo, há duas teses uma no Canadá e outra na Holanda, quase com o mesmo nome, “o ato de conhecimento em Freire”, em que a preocupação dos que escreveram as teses não foi outra senão esmiuçar a teoria do conhecimento que está lá e a sua validade ou não. Esse é o *approach* que eu acho correto. Então, não é o método no sentido se é ba-be-bi-bo-bu. Se o sujeito ler direitinho os textos que eu tenho escrito, sobretudo os recentes, sobre o problema da alfabetização, ele descobre que o que eu estou fazendo é teoria do conhecimento. A alfabetização enquanto um momento da teoria do conhecimento (FREIRE, 1978: p.8).

Ao falar, porém, de teoria do conhecimento ou de processo do conhecimento em Paulo Freire, cabe observar que ele não o concebia numa perspectiva racionalista, intelectualista ou cientificista. Recentemente escrevi um artigo intitulado “Emotividade versus Razão no processo do conhecimento”, baseando-me sobretudo na obra do filósofo existencialista russo Nicola Berdiaeff, mas também em Mounier, Freire, Maturana e outros pensadores de renome. Quanto a Freire basta-me citar três frases, que dizem tudo de sua concepção de vida, de educação e de conhecimento. Na mesma entrevista citada acima (FREIRE, 1978: p. 10), ao ser perguntado sobre a experiência do exílio ele disse:

(...) o que eu quero dizer é que sou, existencialmente, um bicho universal. Mas só sou porque sou profundamente recifense, profundamente brasileiro. E por isso comecei a ser profundamente latino-americano e depois mundial. Eu sou capaz de querer bem, enormemente, qualquer povo.

Naquela mesma ocasião, respondendo a última pergunta feita, sobre suas relações de família, ele declarou:

[...] Para mim é imprescindível a afetividade e o amor. Eu tenho aliás recebido muitas críticas, sobretudo da América Latina, porque eu falo muito de amor e amor segundo essas críticas é um conceito burguês. Em primeiro lugar eu não admitiria que foram os burgueses que inventaram o amor. Eles podem ter a propriedade das fábricas, mas do amor não. O amor é uma dimensão do ser vivo e que ao nível do ser humano alcança uma transcendência espetacular. Nesse sentido é que eu digo que a revolução é um ato de amor.

Os grandes pensadores e pensadoras, educadores e educadoras da humanidade não aceitam esta crítica racionalista e fria dos que pensam a condição humana despida de dimensões essenciais de sua existência, como a afetividade, a emotividade, o sentimento, a intersubjetividade, o amor. Pelo contrário, na perspectiva total da existência humana, no horizonte da vocação para a plenitude, tais dimensões perpassam suas obras, sua vida e sua trajetória de luta. Em diferentes contextos culturais e históricos, as expressões linguísticas podem diferir. A título de exemplo, podemos lembrar alguns conceitos-chave nas obras de grandes pensadores ou lideranças mundiais do século XX: compaixão (Dalai Lama), não-violência (Mahatma Gandhi), reconciliação (Mandela), perdão (Ricoeur), amor (Berdiaeff, Freire, Maturana, Simone Weil, Teresa de Calcutá, Mounier, Che Guevara), comunhão (Freire), solidarismo (Lebret), socialização (João XXIII), comunicação/comunidade (Mounier), cuidado (Heidegger, Leonardo Boff). A pesquisa poderia ir longe, e os nomes aumentariam.

Importa notar que todas as personalidades citadas propõem tais dimensões não apenas e não tanto como virtudes morais, mas sim enquanto categorias filosóficas, científicas e políticas, como no caso do perdão em Ricoeur (2007: p. 463-512).

Eu não poderia concluir estas considerações sobre a concepção ampla do conhecimento em Paulo Freire, sem citar o último parágrafo de seu livro mais importante, *Pedagogia do Oprimido*: “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar. (FREIRE, 2007: p.213).

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduino A. **Emmanuel Mounier et Paulo Freire: Une Pédagogie de la Personne et de la Communauté**. Thèse de Doctorat. Louvain-la-Neuve, Université Catholique de Louvain, Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation, 1985.

ANDREINI, J. - Cl et LAMBERT, M. - L, **La Guinée – Bissau: D'Amilcar Cabral à la reconstruction nationale**. Paris, l'Harmattan, 1978.

CABRAL, Amilcar. **Unité et lutte**, Paris, Maspero, 1980.

CASTRO, Fernando. **Modo de Produccion y caracter social: Marco de referênciã para La intervencion psico-social com setores populares em América Latina**. Louvain-la-Nouve (Belgique), Université Catholique de Louvain, Faculté de Psychologie et des Sciences del'Education, 1977.

CECCON, Claudius; PAIVA, Miguel. Paulo Freire, no exílio, ficou mais brasileiro ainda (Entrevista com Paulo Freire). In: **Pasquim**: nº Especial 2: As Grandes Entrevistas Políticas. Rio de Janeiro, nº 468, 1978. p. 5-11.

COUTO, Mia. **A Raiz de Orvalho**. Maputo: Cadernos Tempo, 1983.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade**; e outros escritos. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Teoria e Prática da Libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. São Paulo, Corte & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Prefácio de Francisco C. Weffort. 23ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Prefácio de Ernani M. Fiori. 46ª Ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Paz e Terra, 2007.

MELLO, Thiago. **Poesia comprometida com a minha e a tua vida**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

MEMMI, Albert. **Portrait Du colonisé**. Préface de Jean-Paul Sartre Paris, Payot, 1979.

MOUNIER, Emmanuel. L'éveil de l'Afrique noire. In: **Oeuvres**, Paris, Seuil, 1962, Tome III, p. 147.

MOUNIER, Emmanuel. Entretiens IX. In: **Oeuvres**, Paris, Seuil, 1963, Tome IV.

MOUNIER, Emmanuel. Révolution Personnaliste et Communautaire . In: **Oeuvres**, Paris, Seuil, 1961, Tome I p.127 a p. 416.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. Trad. De Vinicius Eduardo Alves. São Paulo Centauro, 2004.